

O LUGAR E A CARTOGRAFIA EM “O HOBBIT”: UMA REFLEXÃO GEOGRÁFICA PARA O ENSINO

The Place and Cartography in “The Hobbit”: A Geographical Reflection for Teaching

Robson Ronan Lima de Moraes¹

Luiz Eduardo do Nascimento Neto²

RESUMO

A contemporaneidade reserva desafios para o ensino em decorrência do avanço dos meios de comunicação e pulverização de entretenimento que captam a atenção dos jovens. Nesta ceara, a possibilidade de implementação de materiais paradidáticos pode auxiliar nesta “competição” pela atenção dos(as) alunos(as), já que estes recursos, em sua maioria, têm o entretenimento como fim, em que a assimilação desses materiais representa a incorporação do entretenimento como ferramenta de ensino, ao invés de renunciá-lo. Isto posto, o presente trabalho analisou as possibilidades que o livro “O Hobbit”, de J.R.R. Tolkien, apresenta como material paradidático para o conceito geográfico de lugar e para cartografia, em como estes podem ser vistos e discutidos a partir da obra. Constatando-se a potencialidade de obras literárias de fantasia como “O Hobbit” para o ensino, que possibilitou traçar paralelos com o pensamento de autores da Geografia e cartografia sobre os elementos analisados.

Palavras-Chave: Ensino. Geografia. Literatura. Cartografia.

ABSTRACT

The contemporaneity presents challenges for education due to the advancement of communication media and the proliferation of entertainment that captures the attention of young people. In this context, the possibility of implementing supplementary teaching materials can aid in this “competition” for students’ attention, as these resources, for the most part, are entertainment-oriented. Thus, the assimilation of these materials represents the incorporation of entertainment as a teaching tool, rather than renouncing it. That said, this study analyzed the possibilities that J.R.R. Tolkien’s book *The Hobbit* offers as a supplementary teaching material for the geographical concept of place and for cartography, exploring how these themes can be seen and discussed through the work. The study highlights the potential of fantasy literary works like *The Hobbit* for teaching, enabling parallels to be drawn with the thoughts of Geography and cartography scholars regarding the analyzed elements.

Keywords: Teaching. Geography. Literature. Cartography.

¹ Aluno do curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. robsonronan@alu.uern.br.

✉ Rodovia BR-405, S/n - Arizona, Pau dos Ferros, RN. 59900-000.

² Professor do Curso Licenciatura em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. luizeduardo@uern.br.

✉ Rodovia BR-405, S/n - Arizona, Pau dos Ferros, RN. 59900-000.

INTRODUÇÃO

No atual contexto pós-moderno, marcado pela pulverização dos meios de comunicação e entretenimento, é difícil despertar o engajamento dos alunos pelas aulas, bem como a compreensão dos conteúdos, em que, para os educadores inseridos neste contexto, como já assinalava Freire (1987), faz-se essencial a utilização de ferramentas que possam "competir" com tais pontos de distração. Diante deste desafio, o uso de materiais paradidáticos pode surgir como um auxiliar neste processo, pois, de acordo com Azevedo (2013), este tipo de material pode despertar o interesse dos alunos pelo fato de não necessariamente terem sido desenvolvidos para fins de ensino e aprendizagem em essência, mas que, mesmo assim, podem ser usados para esta finalidade, tais como: filmes, músicas, peças de teatro, livros, dentre outros.

Neste sentido, o presente trabalho analisou as potencialidades que o livro "O Hobbit", de J.R.R. Tolkien, apresenta como material paradidático para o entendimento do conceito geográfico de lugar e para a cartografia, focando em como estes podem ser visualizados e discutidos a partir da obra analisada. Dito isto, o livro apresenta as propriedades defendidas por Azevedo; Almeida (2013) e Fernandes (2008), no que se refere a materiais paradidáticos, uma vez que, mesmo sua narrativa não apresentando o conceito geográfico de lugar e a cartografia como centrais, ao analisá-la a partir de um olhar geográfico, foi possível visualizar e desenvolver estes elementos, abrindo, assim, precedentes para seu uso em fins paradidáticos para os mesmos.

Isto posto, o trabalho se legitima pela necessidade já preconizada na atual legislação brasileira para o ensino, que requer, em sua Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a aplicação de recursos

e ferramentas didático-metodológicas que auxiliem o processo de ensino e aprendizagem (Brasil, 2018). Alinhadas com as discussões propostas no presente trabalho, dentro das bases curriculares para o ensino em Geografia encontram-se as seguintes unidades temáticas: O sujeito e seu lugar no mundo e Formas de representação e pensamento espacial, auxiliando, assim, para o entendimento e desenvolvimento das referidas unidades. Vale ressaltar, também, que "O Hobbit" foi aprovado no ano de 2021 pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) como livro paradidático. Dessa forma, é pertinente discutir suas potencialidades para o ensino em diversas áreas do saber, no caso específico do presente trabalho, em Geografia.

"O Hobbit" é um livro de fantasia originalmente publicado no ano de 1937 pelo escritor, professor e Catedrático em Filologia Comparativa de Oxford, J. R. R. Tolkien, e que, mesmo após 50 anos de sua morte, no ano de 1973, ainda é tido como o pai da fantasia moderna e o autor de fantasia mais influente de todos os tempos, tendo como sua principal obra publicada, "O Senhor dos Anéis". "O Hobbit" narra os acontecimentos anteriores aos de "O Senhor dos Anéis", sobre aventura fantástica dos anões de Erebor (reino fictício criado pelo autor) para reaver o seu reino, o seu lugar, após este ter sido tomado pelo dragão Smaug.

Durante e após o desenvolvimento do trabalho, tornou-se perceptível como a referida obra transcende essa apresentação inicial, pois, ao debruçar-se sobre esta a partir de uma percepção geográfica, no que Azevedo; Almeida (2013) chama de análise/enfoque geográfico, foi possível relacionar os acontecimentos e ideias contidos na obra com os pensamentos de autores da Geografia como Lisboa (2007) e Tuan (1983) a respeito do conceito geográfico de lugar, bem como com o pensamento de autores como Raisz (1969) e Menezes (2013) no que tange à cartografia.

METODOLOGIA

O trabalho seguiu uma abordagem qualitativa que, como afirma Godoy (1995), consiste na atribuição de significados, substância e caracterização do objeto estudado. Dessa forma, visou-se analisar o livro "O Hobbit" com o objetivo de visualizar, discutir e desenvolver o conceito geográfico de lugar, bem como elementos da cartografia para, assim, defender sua potencialidade como material paradidático para o ensino e aprendizagem destes.

Para tal fim, se fez uso de pesquisa bibliográfica, visando análises e percepções sobre o conceito de lugar para a Geografia, bem como sobre cartografia perceptíveis na narrativa do livro, além de compreender a natureza do material paradidático a fim de localizar, interpretar e analisar estes elementos, apoiando-se no que Azevedo; Almeida (2013) chamaram de enfoque e análise geográficos.

O enfoque ou análise geográfica, adotado por Azevedo; Almeida (2013), consiste em uma pesquisa de cunho fenomenológico, pois parte da percepção do pesquisador, que deve buscar, através de um direcionamento geográfico em sua percepção e análise, localizar e interpretar conceitos, conteúdos e temas da Geografia em determinada obra.

Após identificação e interpretação, foram feitos os paralelos necessários entre os elementos localizados e os conteúdos propostos no que Cavalcante (2020) chama de Geografia Literária, que consiste na capacidade de discutir, desenvolver e problematizar conteúdos e temas da Geografia através de uma obra de literatura que não necessariamente trate de conteúdos geográficos em essência, apontando caminhos metodológicos, para, assim, defendê-la como material paradidático.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para se discutir as potencialidades do livro "O Hobbit" (Tolkien, 2019) como material paradidático no ensino e aprendizagem do conceito geográfico de lugar e do uso de cartografia no ensino de Geografia, fazem-se necessárias algumas compreensões. A primeira é a respeito do que se configura como um material paradidático, seguida da compreensão sobre o uso de literatura como material paradidático no ensino de Geografia e, por fim, o entendimento acerca do conceito geográfico de lugar, bem como de cartografia, e seus papéis para o ensino de Geografia.

O PARADIDÁTICO

Existe uma distinção que necessita ser entendida entre o que é um material didático e um paradidático. Material didático é todo aquele idealizado especificamente para o ensino e aprendizagem, caracterizando-se, assim, como um produto pedagógico facilitador da aprendizagem e do ensino de determinado conteúdo (Bandeira, 2009).

Diferentemente do material didático, como afirma Azevedo; Almeida (2013), o material paradidático não precisa ter o enfoque do ensino e aprendizagem em sua idealização e desenvolvimento. Todavia, possibilita gerar interesse, reflexão e aplicação dos conteúdos nos alunos, absorvendo-os seja através de um filme, música, poema, série, peça teatral e, no caso específico deste trabalho, um livro de fantasia.

Apesar de não terem sido idealizados necessariamente para o ensino, os materiais paradidáticos quase sempre são utilizados como apoio aos didáticos com intuito de aprofundar ou elucidar

O Lugar e a Cartografia em "O Hobbit": uma reflexão geográfica para o ensino
Robson Ronan Lima de Moraes e Luiz Eduardo do Nascimento Neto

o processo de ensino e aprendizagem. Devido ao caráter direto e explícito em relação ao conteúdo, o material didático pode ser pouco interessante para os alunos. Convém mencionar que, por vezes, os próprios materiais didáticos apresentam recomendações de materiais paradidáticos no intuito de gerar o interesse e a compreensão dos conteúdos pelos(as) alunos(as) (Fernandes, 2008).

Ainda sobre o paradidático, especificamente sobre livros paradidáticos, Bittencourt (2018) segue nesta mesma linha, apontando que podem ser entendidos, também, como livros paradidáticos, obras literárias produzidas sem fins pedagógicos, mas que, mesmo assim, podem servir a este propósito. Para Azevedo; Almeida (2013), tal fim pode ser alcançado através do envolvimento e curiosidade gerados nos(as) alunos(as) pelos personagens e trama de determinada obra literária, pois é valendo-se desse envolvimento que se deve traçar o enfoque e análise geográfica, para, através de tal, desenvolver os paralelos e potencialidades que obras de literatura, sobretudo literatura de fantasia, podem apresentar para discussões geográficas.

A LITERATURA COMO MATERIAL PARADIDÁTICO NA GEOGRAFIA

Literatura, mesmo aquela não-científica, ainda se configura como detentora de saberes, uma vez que, em suas inúmeras ramificações e gêneros, representa um espelho e esponja dos conhecimentos, descobertas e valores humanos, apresentando, assim, precedentes para seu uso em fins paradidáticos. Dessa forma, a literatura apresenta a capacidade de partir do particular de suas narrativas específicas para temas e subtemas mais universais. Possibilita-se, assim, destacar temas, conteúdos e conceitos para além da camada

superficial e objetiva de suas narrativas e personagens (Fuentes, 2019).

Para Araújo (2020), a literatura carrega uma valorização das experiências e saberes construídos socialmente, o que engloba saberes geográficos, e tem potencial de uso paradidático através das experimentações subjetivas e afetivas estabelecidas com a narrativa e personagens contidos em determinada obra, gerando o engajamento e interesse dos alunos(as).

Especificamente na Geografia, como afirma Cavalcante (2020), é possível captar o espaço geográfico a partir das geograficidades que determinada obra literária pode apresentar, uma vez que toda obra de literatura se configura como um produto de relações socioespaciais representadas de forma escrita, qualquer que seja sua natureza, independentemente de ser de cunho científico, ou não. Toda e qualquer obra de literatura usa o espaço geográfico como palco, como já preconizava Souza (2014, p. 11) "O espaço se apresenta como a base metodológica da Geografia e na Literatura constitui-se como alicerce para o desenvolvimento das narrativas."

Neste mesmo pensar, Nascimento (2016) aponta que a literatura de fantasia, mesmo se passando em realidades fictícias, se configura como reprodutora de valores e saberes humanos, inclusive geográficos, que são projetados e representados simbolicamente de forma fantástica, pois apresentam espaços e relações sociais regados de ecos da realidade em suas tramas e agentes. Ainda neste sentido, como afirma Theves (2012, p. 61) "A relação entre Geografia e literatura pode ser pensada pela categoria espaço. Todas as personagens presentes nas histórias relatadas inseriram-se em um estar-no-mundo, mesmo que imaginário. E o estar-no-mundo é ser-no-mundo, assim, o espaço se faz ontológico".

O Lugar e a Cartografia em "O Hobbit": uma reflexão geográfica para o ensino
Robson Ronan Lima de Moraes e Luiz Eduardo do Nascimento Neto

Deste modo, valendo-se dos pontos destacados, faz-se necessária a compreensão dos elementos da Geografia aqui propostos para análise, sobretudo, para o seu ensino e finalidade na Geografia escolar.

O LUGAR PARA GEOGRAFIA

O conceito geográfico de lugar é comumente associado a ideia de localização, a um dado recorte espacial em escala local e próxima. Tal compreensão ainda remonta dos princípios da consolidação da Geografia enquanto ciência, quando prevalecia a ideia que definia a Geografia como a ciência dos lugares e não dos homens, em que existia interesse exacerbado sobre os aspectos naturais em detrimento dos humanos (Lisboa, 2007), escondendo a complexidade e relevância desse conceito enquanto categoria de análise que possibilita uma abordagem mais sensível e humana a respeito do espaço geográfico.

Dois principais abordagens a respeito do conceito de lugar se destacaram ao longo da história da Geografia. A primeira é pertencente à corrente crítica da Geografia e a segunda alinhada com a Geografia humanística, sendo elas, respectivamente, a abordagem do materialismo histórico-dialético, de cunho marxista, e a abordagem fenomenológica, de cunho humanista. Dentro do materialismo histórico dialético, o lugar é entendido como o estágio de reprodução concreto do modo de produção capitalista vigente, sendo no cotidiano, no dia a dia, que as demandas e desígnios dos grandes capitais se materializam (Leite, 2018)

Nesta vertente de pensamento, Carlos (2007) aponta que os lugares assumem apenas o papel de estágio final e concreto de formação do espaço geográfico de acordo com os desígnios do modo de produção capitalista, que são a materialização da globalizante

homogeneização do espaço decorrente das demandas do capital, cuja produção de fragmentações desse espaço se daria apenas pelas desigualdades sociais existentes em tais lugares, ignorando qualquer influência que os fatores identitários, de pertencimento e afetivos para com esse espaço teriam.

Para a abordagem fenomenológica, ligada à Geografia humanística, o lugar não diz respeito apenas a uma mera realidade material resultante da formação do espaço. Como destaca Tuan (1983), existe uma distinção clara entre espaço e lugar. O espaço diz respeito apenas à realidade física e material, sendo o lugar, a atribuição de significados a esse espaço, frutos das experiências, vivências e sentimentos individuais e de grupos sociais para com o espaço.

O lugar tem um caráter fenomenológico, onde, a depender de como cada indivíduo ou grupo se relaciona com o espaço, este apresentará significados e valores distintos provenientes desta interação ao longo da de sua história, ou seja, produzindo lugares distintos para cada um (Tuan, 1983).

Para Lisboa (2007), o lugar está intimamente ligado às relações e sentimentos humanos para com o espaço. Recebe a alcunha de lugar, locais nos quais se desenvolvem relações sentimentais, afetivas e de pertencimento, relações essas que se dão em níveis diferentes para o autor, desde o lugar de um indivíduo, até o lugar para um povo.

O lugar para um indivíduo está intimamente relacionado aos laços emocionais criados por este para com seu espaço, fruto de suas experiências e vivências para com ele, que se dão por meio das relações cotidianas com outras pessoas estabelecidas neste lugar e com o próprio espaço em si, que atribuem a este significados e valores (Lisboa, 2007), sejam estes positivos ou negativos, como afirma Benko (1994).

O lugar, entendido a partir de um escopo maior do que o pessoal e individual, o lugar para um povo segue a mesma linha de relações e afetividades para com o espaço, só que em escala maior. As relações de uma comunidade para com o espaço, onde coletivamente se desenvolve pertencimento, significados, identidade e valores, empregados ao espaço e construídos historicamente, traduzidos na forma de costumes, valores, normas sociais e relações, produzidas, reproduzidas e reafirmadas em um lugar. Neste sentido, pode o lugar surgir, também, como um espaço de resistência a forças externas, padronizadoras e homogeneizadoras da globalização. As relações identitárias do lugar podem ser resposta a este processo, reforçando e reafirmando perante ele a continuidade de sua reprodução, freando a produção de espaços pasteurizados e sem identidade (Lisboa, 2007).

O papel do lugar para Geografia escolar a partir de uma abordagem humanística e fenomenológica parte da compreensão de que o conceito de lugar para Geografia, assim como os demais conceitos centrais dessa ciência, configura-se como uma categoria de análise, podendo servir como uma forma de interpretar a realidade espacial e seus fenômenos. Sendo assim, uma forma de se perceber e interpretar o espaço, de perceber este espaço a partir das relações afetivas, sentimentais e identitárias (Siqueira, 2017).

Segundo defende Leite (2018), o lugar pode apresentar duas importantes facetas para o ensino de Geografia. A primeira está relacionada à docência, em que caberia ao professor apropriar-se de tal conceito e utilizá-lo em suas aulas, fazendo com que conteúdos e discussões em sala passem pelo lugar dos alunos(as), atraindo sua atenção a partir das suas relações de afetividade e pertencimento para com o seu espaço, permitindo o desenvolvimento de sua sensibilidade a partir de sua realidade espacial. A segunda faceta

estaria relacionada ao desenvolvimento da cidadania dos alunos, em que essa compreensão e forma de analisar a realidade espacial possibilita que os alunos desenvolvam uma abordagem humana e sensível dos fenômenos geográficos que estudam e se depararam ao longo de suas vidas. Assim, busca-se entender que os fenômenos geográficos se passam no lugar de alguém, e que os grupos sociais inseridos nas dinâmicas destes fenômenos também partilham de relações afetivas, identitárias e de pertencimento construídas historicamente com esses espaços.

CARTOGRAFIA E GEOGRAFIA

Discutir sobre a importância da cartografia para a Geografia é voltar-se para o objeto de estudo da Geografia, que a diferencia das demais ciências (Gomes, 2009). É também, como afirma Raisz (1969), compreender o papel do geógrafo frente ao principal produto da cartografia, o mapa.

Segundo Gomes (2009), o espaço geográfico configura-se como o objeto de estudo da Geografia, fruto das interações entre fenômenos humanos e naturais. Desse modo, cabe à Geografia compreender a ordem espacial de tais fenômenos, compreendendo as razões por trás de sua espacialização, bem como as interações destes fenômenos atuam formando o espaço, desenvolvendo, assim, um raciocínio espacial.

Para Raisz (1969, p. 1), "o objetivo da cartografia consiste em reunir e analisar dados e medidas das diversas regiões da terra, e representar graficamente em escala reduzida". Em outras palavras, tem como objetivo a representação da superfície em um produto final, o mapa. Ainda segundo o autor supracitado, o cartógrafo e o geógrafo desempenham papéis distintos perante tal produto, em

que cabe ao cartógrafo reunir e analisar os dados afim de criar a representação do espaço em escala reduzida e a confecção do mapa, enquanto cabe ao geógrafo interpretar os fatos e fenômenos contidos em um mapa. Além dessa relação, para Raisz (1969), o mapa tem papel fundamental na empreitada do geógrafo em entender e analisar o espaço geográfico, uma vez que o estudioso de Geografia, perante sua pequenez em relação à vastidão de seu objeto de estudo, é incapaz de fazê-lo sem o auxílio de um mapa, que adapta a grandiosidade de seu objeto de estudo na superfície reduzida e plana de um mapa.

A cartografia faz-se fundamental para o ensino de Geografia, pois, conforme Costa; Lima (2012), o mapa é o produto que melhor representa o objeto de estudo da Geografia, o espaço geográfico. O mapa não deve ser visto apenas como uma mera representação da superfície terrestre, mas como meio de análise dos fenômenos e agentes formadores do espaço geográfico, onde, a partir da espacialização do que está representado, é preciso desenvolver o raciocínio espacial nos alunos, a capacidade de relacionar os elementos e fatores constituintes desse espaço de forma integrada, criando modelos explicativos e reflexivos sobre sua espacialização.

AS MULTIFACETAS DO LUGAR EM "O HOBBIT"

Após análise do livro "O Hobbit", foi constatada a presença dos elementos necessários para seu uso como material paradidático no estudo do conceito geográfico de lugar e para a cartografia. Baseando-se no que Cavalcante (2020) chama de Geografia literária, a obra apresenta precedentes para a discussão dos elementos geográficos aqui propostos. Neste sentido, a discussão dos resultados se deu em dois principais subtópicos, sendo eles: Multifaces do Lugar em "O Hobbit" e Cartografia e raciocínio espacial em "O Hobbit".

O lugar percebido em "O Hobbit" mostrou-se alinhado às concepções defendidas pela Geografia Humanística e fenomenológica para este conceito, sendo importante ressaltar que o lugar se faz presente como um dos pontos chaves de discussão da obra, uma vez que narra a aventura do personagem central, o hobbit Bilbo Bolseiro (extremamente apegado à sua casa, o seu lugar), em ajudar, mesmo que de forma relutante, a princípio, os anões de Erebor a reaver o seu antigo lar, o seu lugar, que fora tomado pelo terrível dragão Smaug. Bilbo, por ser tão apegado à sua casa, entende mais do que ninguém a importância de se ter um lar, de pertencer a algum lugar.

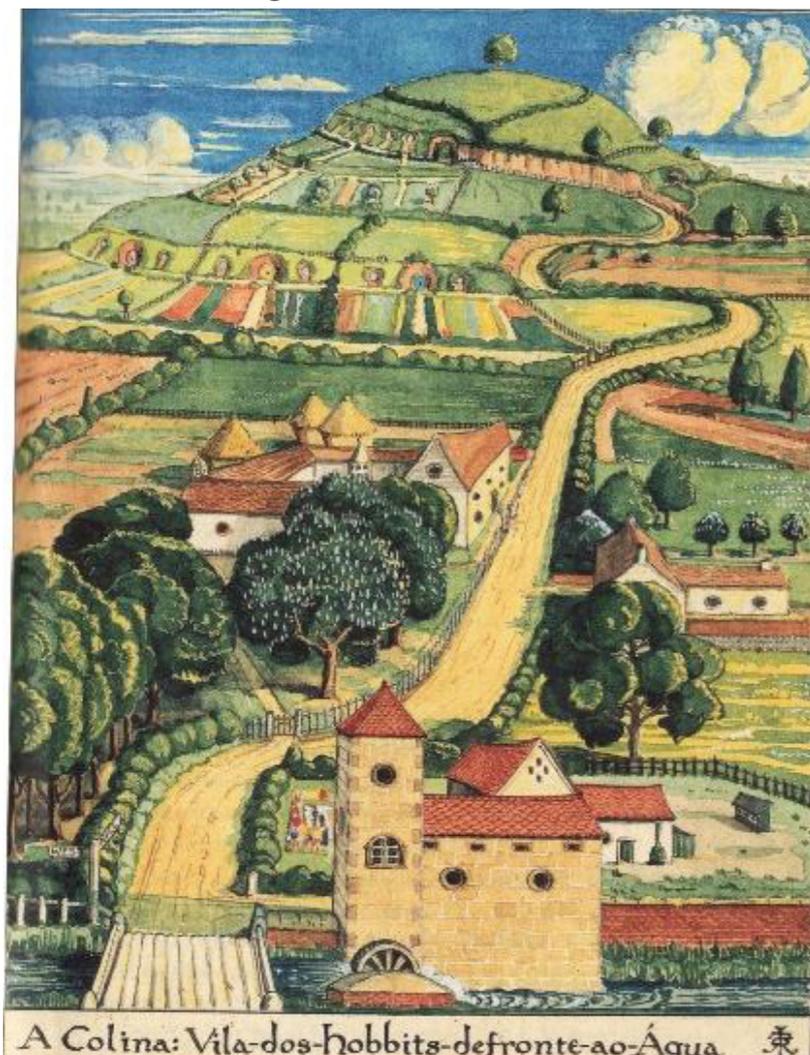
O lugar visualizado na obra apresenta um caráter multifacetado, alinhado com a distinção defendida por Lisboa (2007) que discorre sobre os diferentes escopos que o lugar pode apresentar: lugar para um indivíduo e para um povo. Estes pontos foram identificados na narrativa do livro permeados pelo caráter fenomenológico e subjetivo que o lugar apresenta segundo as ideias de lugar defendidas por Tuan (1983).

A definição de lugar para um indivíduo é representada, essencialmente, pelo protagonista da estória, Bilbo Bolseiro, uma vez que ele, conforme discorre Tolkien (2019), permaneceu em sua toca de hobbit, deixada pelo seu pai ao longo de 50 anos interruptos. Nela construiu seus laços afetivos para com este lugar.

É no Condado, na Colina, que se localiza a Vila dos Hobbits (Figuras 1 e 2), onde estão os legados de sua família, materializados espacialmente: "Os Bolseiros tinham vivido na vizinhança d'A Colina desde tempos imemoriais e as pessoas os consideravam muito respeitáveis" (Tolkien, 2019, p. 27).

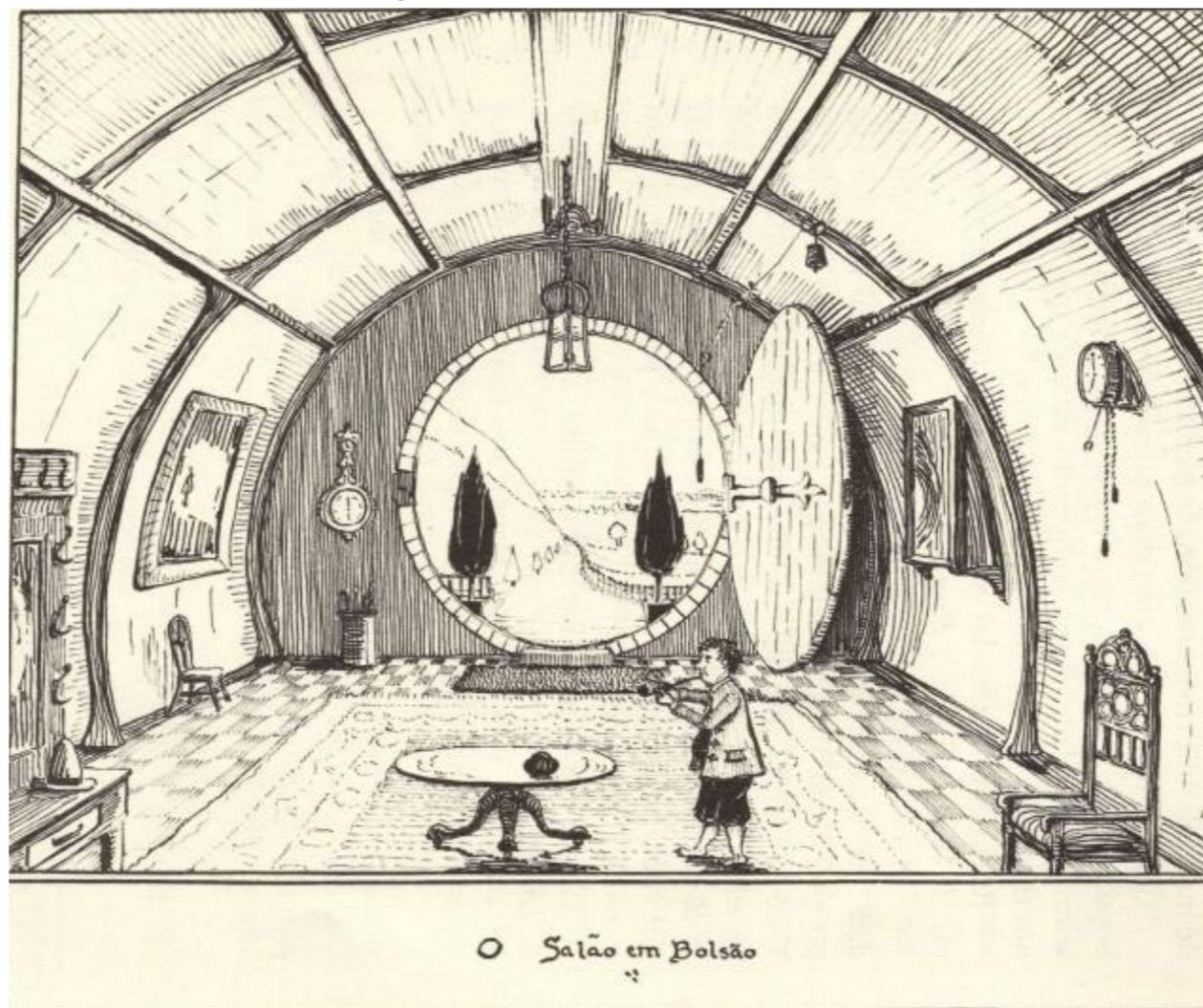
Assim, o protagonista fornece o entendimento do lugar como representação das relações de pertencimento de um indivíduo para

Figura 1 – Vila dos Hobbits.



Fonte: Tolkien (2019).

Figura 2 – O Salão em Bolsão, a toca de Bilbo.



Fonte: Tolkien (2019)

com o seu espaço vivido, conforme defende Lisboa (2007). Destaca-se não só como os laços afetivos para com o espaço em si, mas como as relações cotidianas mantidas com outras pessoas neste ao longo de sua história podem atribuir valores, significados e sentimentos ao espaço, deixando de ser uma mera realidade espacial e se constituindo como lugar, conforme aponta Tuan (1983), ao defender este conceito.

Na narrativa da estória, Bilbo é extremamente apegado à sua vida segura e pacata em sua toca. “[...] na verdade, parecia sossegado a ponto de parecer imóvel” (Tolkien, 2019, p. 29). É relutante, por muitas vezes, a juntar-se à aventura dos anões na reconquista de seu lar, quando convocado para a missão expressa que hobbits são pessoas simples e pacatas, que não se envolvem em aventuras, pois estas são perigosas (Tolkien, 2019).

Em vários outros exemplos ao longo de toda a estória, está presente a sua renúncia a deixar seu lugar de conforto e segurança. Assim, foi destacado outro ponto de definição de lugar, como sendo aquele espaço onde os indivíduos se sentem seguros e confortáveis, conforme defende Tuan (1983).

O apego do hobbit para com seu lugar é revisitado constantemente na obra, mesmo depois de já ter ingressado em sua aventura com os anões, quando, por muitas vezes, suplicava pelo conforto e segurança do seu lar, sentindo-se deslocado na aventura, e não pertencente à maior parte dos lugares por onde passou, tal sentimento é visualizado ao longo da narrativa.

No decorrer da estória, desejou por várias vezes retornar para sua toca, como destacado nos trechos seguintes: "Queria estar em casa, na minha toca gostosa, ao lado do fogo, com a chaleira começando a cantar!" (Tolkien, 2019, p. 57). Este sentimento de apego pode ser ainda registrado na estória, quando descreve que ao se aproximarem do reino élfico de Valfenda:

[...] se sentiu mais cansado do que jamais lembrava de se sentir antes. Estava pensando mais uma vez na sua cadeira confortável, diante do fogo em sua sala de estar favorita da toca de hobbit e na chaleira cantando. Não foi a última vez! (Tolkien, 2019, p. 70).

Este pensar de apego ao lugar transcrito na narrativa do livro de fantasia já mencionado ainda se expressa quando iniciaram o caminho tortuoso pelas montanhas nevoentas, onde sentiu saudades de sua toca e de seu país. O mesmo sentimento se repete quando estavam com dificuldades em encontrar o caminho correto para passar pela cadeia de montanhas: "Bilbo sabia onde que ficava seu próprio país, cheio de coisas seguras e confortáveis, e sua pequena toca hobbit" (Tolkien, 2019, p. 81).

A mesma sensação de apego ao lugar sentiu quando passaram por apuros na floresta negra de Trevamata: "[...] não pela última vez, pôs-se a pensar em sua longínqua toca de hobbit, com suas belas dispensas" (Tolkien, 2019, p. 178). Ainda nos momentos finais de sua aventura na chegada à Montanha Solitária, mais uma vez desejou pela segurança de seu lugar: "Pessoalmente, não tenho esperança nenhuma e queria estar seguro lá em casa". (Tolkien, 2019, p. 244).

Este sentimento é repetido por diversas vezes ao longo da estória, mas não há necessidade de citar todas aqui, uma vez que serviriam apenas para reforçar os pontos aqui destacados sobre o apego ao lugar.

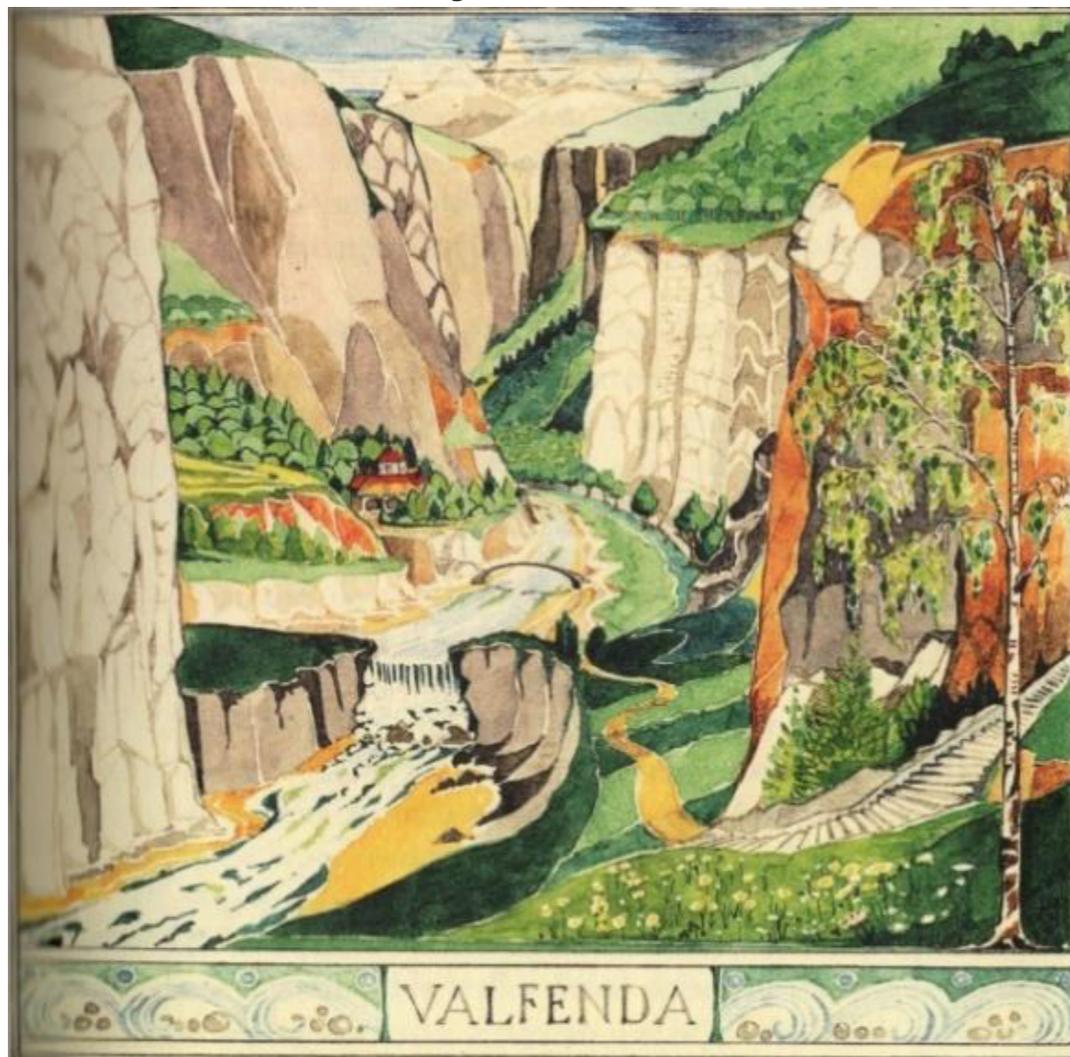
Notadamente, o autor do livro de fantasia ora analisado apresenta o protagonista sentindo saudades dos costumes, tradições, das relações cotidianas e simples com os outros hobbits e que mantinha este pertencimento com seu lugar, como no momento em que faziam uma difícil travessia pelas montanhas, recordou: "Vão fazer a colheita e catar amoras antes que nós comecemos a descer pelo outro lado" (Tolkien, 2019, p. 81).

As descrições de apego telúrico apontadas acima estão alinhadas com as ideias de Leite (2018), que postula e entende a identidade de um lugar, seus significados e sentimentos a ele atribuídos, passam não só pelas relações do indivíduo para com o espaço material, mas, essencialmente, pelas relações cotidianas com outras pessoas neste espaço.

Os pontos até aqui destacados também se alinham e reforçam o entendimento sobre o caráter fenomenológico que o conceito de lugar apresenta, segundo Tuan (1983), pela forma com a qual Bilbo se relaciona com sua toca, uma vez que nenhum dos demais personagens demonstra tal sentimento para com ela além do próprio hobbit. Este aspecto fenomenológico fica notório pela forma que

sentia saudades de sua casa e de verdadeira repulsa pela maior parte dos pontos de sua jornada (Tolkien, 2019). Dentro da narrativa literária da obra, o aspecto fenomenológico do lugar também pode ser visto no personagem para além de seu lugar natal, na forma como sentiu afeição por apenas um outro lugar, o reino élfico de Valfenda.

Figura 3 – Valfenda



Fonte: Tolkien (2019)

Até então, não existiam outros lugares para Bilbo além de sua toca no Condado, nenhum lugar que despertasse uma sensação

semelhante de segurança, conforto e afeto. Essa mudança de sentimentos e apego muda após sua estadia em Valfenda, que dura 14 dias: "Bilbo teria ficado contente por lá para todo o sempre, mesmo supondo que bastasse desejar para que fosse transportado diretamente de volta à sua toca de hobbit" (Tolkien, 2019, p.75). No trecho acima, Bilbo estaria disposto a permanecer em Valfenda, mesmo com a possibilidade de retorno para sua toca. Tal apego a este lugar é reafirmado ao final da aventura, pois, em seu caminho de volta para casa, hospeda-se por mais um tempo no reino élfico, mesmo que com muita vontade de retornar a sua toca: "No entanto, mesmo aquele lugar não era capaz de segurá-lo muito, e ele pensava sempre em sua casa" (Tolkien, 2019, p. 318).

O caráter fenomenológico do lugar presente na figura do pequeno hobbit se estende na forma como passou a enxergar Valfenda como um lugar após suas experiências e vivências, mas também, como atribuiu significados e valores aos lugares que passou e como estes causaram uma mudança interna em Bilbo: "Já era um hobbit muito diferente daquele que tinha fugido de Bolsão" (Tolkien, 2019, p.238). Neste sentido, em concordância com as ideias de Leite (2018) quando afirma que os lugares, além de serem significados pelos indivíduos, exercem sobre estes o poder de moldar a forma de viver, pensar e se comportar, mediante a realidade neles experienciada.

Esta mudança em Bilbo é decorrente das suas vivências na aventura, nos lugares por onde passou, locais que o mesmo recorda em sua viagem de volta com o término da aventura: "Em cada ponto da estrada, Bilbo recordava os acontecimentos e as palavras do ano anterior[...]" (Tolkien, 2019, p. 319). Dessa forma, agora tinha memórias impregnadas naqueles espaços.

Adentrando neste momento no segundo escopo para lugar defendido por Lisboa (2007), o lugar para um povo, que

O Lugar e a Cartografia em "O Hobbit": uma reflexão geográfica para o ensino
Robson Ronan Lima de Moraes e Luiz Eduardo do Nascimento Neto

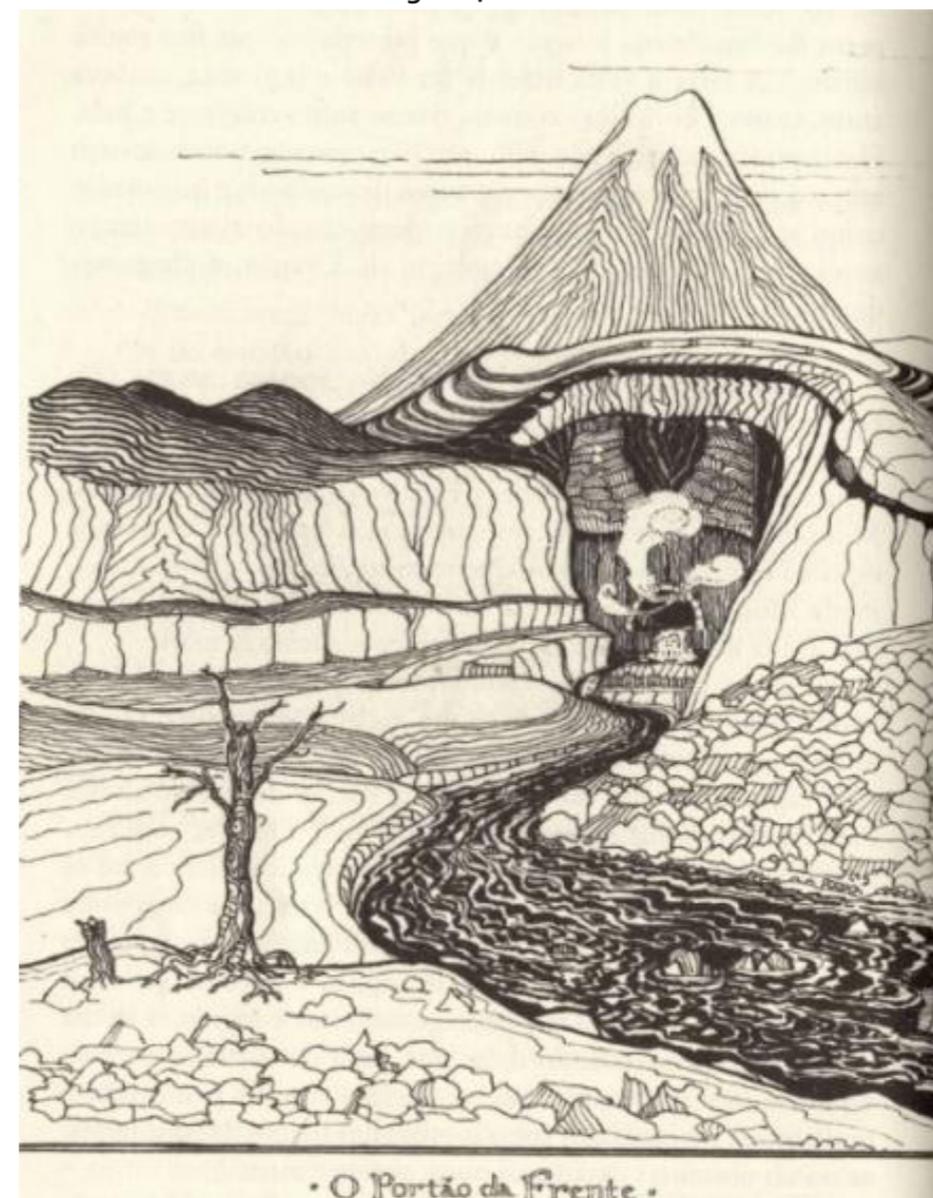
consiste na ideia que as relações com o espaço, de pertencimento, de desenvolvimento de afetividade, identidade com base nas experiências e vivências, transcende a escala do indivíduo, representando, assim, as relações do lugar na escala de um povo, um grupo de indivíduos, na forma como coletivamente atribuem valores, significados e sentimentos a este lugar, que se materializam em sua história, tradições, costumes e identidade associadas ao espaço.

Na narrativa de "O Hobbit", essa definição acima descrita do conceito de lugar se faz presente nos diversos povos e reinos que são apresentados ao longo da estória: no condado, lugar dos hobbits, nos reinos élficos, em Valfenda, no reino dos elfos silvestres em Trevamata, e ainda na cidade do lago, Esfaroth, reino dos homens. Contudo, é no lugar dos anões de Erebor, da Montanha Solitária, que a relação com o lugar para além do indivíduo é percebida na narrativa, é a reconquista de seus lares e tesouros, o motivo pelo qual se deu início a aventura do Pequeno Bilbo (Tolkien, 2019).

Os anões de Erebor, após a tomada de seus lares pelo temível dragão, tiveram de vagar em busca de lugares onde pudessem viver, como conta Thorin, o príncipe dos anões: "fomos embora e tivemos que ganhar a vida da melhor maneira que podíamos para lá e para cá pelas terras[...]" (Tolkien, 2019, p. 51). Estes lugares para os anões não eram suficientes, não se sentiam pertencentes a eles; nesses lugares não estava sua identidade, afetividades, sentimentos, lembranças, legado, história, tradições, costumes e riquezas, ou seja, todos os elementos que transformam o espaço em lugar para um povo (Lisboa, 2007). De acordo com a narrativa, tais coisas para os anões estariam em Erebor, na Montanha Solitária (Figura 4).

Foram os antepassados de Thorin que desbravaram a Montanha Solitária, fundando o reino de Erebor: "nossa família foi expulsa do Norte distante e retornou, com todas as suas ferramentas, a essa montanha no mapa. Tinha sido descoberta por meu ancestral distante, Thrain" (Tolkien, 2019, p, 49). Foi

Figura 4 – Erebor



Fonte: Tolkien (2019)

no espaço da montanha solitária que o povo anão se desenvolveu: "ficaram imensamente ricos e famosos, e meu avô se tornou rei sob a montanha de novo" (Tolkien, 2019, p.49), e nela viveram por séculos, mesclando sua história, identidade e sentimentos, transformando-a em seu lugar, pois por mais que o reino tenha sido fundado pelo avô de Thorin, lá viveram por séculos plantando suas raízes, uma vez que a expectativa da vida dos anões ultrapassa os 200 anos (Tolkien, 2019).

É justamente este passado, legado e memórias para com seu antigo lar, o reino de Erebor na Montanha Solitária, que faz com que não se conformem com a vida que levaram em lugares posteriores (Tolkien, 2019), uma vez que sua identidade, sentimentos e legados não se encontram neles.

O momento mais emblemático que marca esta inconformidade e saudade para com seu antigo lugar é trazido já nos momentos iniciais da trama, quando a comitiva de anões relembra na toca de Bilbo, enquanto faziam a proposta para o mesmo juntar-se à aventura, de uma antiga canção e lamento sobre seu antigo lar "[...] começaram a cantar enquanto tocavam, o canto vindo do fundo da garganta dos anões, nos lugares mais fundos de seus antigos lares", canção essa que exprime tanto a tristeza de um povo que perdera seu lugar e a esperança de reavê-lo. "Além dos montes em nevoeiro, pras masmorras sem prisioneiro, vamos embora, antes da aurora, buscar nosso ouro feiticeiro" (Tolkien, 2019, p. 39).

Rever o seu lar, o lugar de seu povo, o passado e legado para com aquele espaço, se expressam nos momentos finais da narrativa da aventura dos anões, quando estes chegam à cidade dos homens do lago, Esgaroth, e lá reafirmaram o motivo de sua jornada: "[...] nem correntes nem barras podem impedir o retorno ao lar profetizado" (Tolkien, 2019, p. 221). Neste mesmo sentido, os homens da cidade do lago lembram o passado e o legado do povo anão para com

seu reino e "[...] cantavam também que Thrór e Thrain voltariam um dia e que rios de ouro correriam através dos portões da montanha" (Tolkien, 2019, p. 217).

Ao descrever os acontecimentos da narrativa sobre a montanha solitária, é perceptível que as propostas de conceitos defendidas por Lisboa (2007) se afirmam novamente na leitura, quando adentram em seu reino e as memórias do lugar se manifestam, lembrando seus antepassados que construíram com seus costumes o seu lugar.

Ao entrarem finalmente em seu antigo palácio, o príncipe anão afirma: "Nem em mil anos eu haveria de esquecer os caminhos deste palácio" (Tolkien, 2019, p. 264), reforçando, assim, o apego que tem por seu lugar e de como a memória deles permanecia, mesmo depois da destruição causada pelo dragão: "embora tudo estivesse conspurcado e queimado pelas idas e vindas do monstro, Thorin conhecia cada passagem e cada curva" (Tolkien, 2019, p. 264).

Dentro das análises a respeito do lugar na obra, foi visualizado mais um aspecto do lugar segundo as ideias de Lisboa (2007) como campo de resistência, que consiste na ideia de que os lugares, devido à formação de identidades, valores, significados e pertencimentos a estes, conseguem resistir às influências de forças externas. No caso do mundo globalizado, os processos de homogeneização e padronização das formas de viver do modo de produção capitalista, que tendem a engolir os fatores identitários e tradicionais preexistentes, mantendo assim suas essências perante tais elementos externos.

As definições do conceito de lugar, neste sentido, são visualizadas com um olhar geográfico essencialmente na forma como dois grupos se relacionam com seus respectivos lugares: os hobbits com o Condado, na Vila dos Hobbits, em sua forma de vida simples e distante dos grandes acontecimentos da terra média, bem como os anões de Erebor, em sua luta na defesa de seu lar frente aos interesses do dragão, elfos, wargs, gobelins e homens.

No caso do primeiro grupo, os hobbits, esta noção se dá por serem totalmente aversos a aventuras, indiferentes aos acontecimentos que se passem além de suas fronteiras, ou saírem do condado: "nestas partes! Somos gente simples e quita e não queremos saber de aventuras" (Tolkien, 2019, p.30), fato esse que faz com que povos além do Condado nunca tenham ouvido falar de hobbits, como os trolls, as aranhas e até mesmo o dragão Smaug, que não reconheceram a que raça e povo Bilbo pertencia (Tolkien, 2019). Dessa forma o lugar dos hobbits resiste, aos moldes trazidos por Lisboa (2007), na forma que se mantém isolado, desconhecido e longe da influência do mundo exterior.

Outro ponto que ressalta esta característica seria o fato de como as informações dos grandes acontecimentos da trama não chegam até o Condado, como, por exemplo, os acontecimentos da aventura de Bilbo, que se espalhavam por toda parte. Assim, "[...] notícias já tinham chegado ao oeste, até as matas de pinheiros das Montanhas Nevoentas, Beorn as ouvira em sua casa de madeira, e os gobelins reuniam-se em concelho em suas cavernas" (Tolkien, 2019, p. 277), enquanto no Condado, tais acontecimentos só foram descobertos após a chegada de Bilbo e, mesmo assim, eram vistos com bastante descrença: "puseram a mão na testa e disseram coitado do velho Bolseiro, e embora poucos acreditassem em qualquer uma de suas histórias" (Tolkien, 2019, p. 322).

Em suma, o lugar se torna uma resistência para os hobbits na forma que ignoraram e serem ignorados pelo mundo, mantendo-se isolados e protegendo sua identidade, costumes e forma de vida. Se os hobbits resistiam e mantinham seu lugar de forma pacífica e isolada, o mesmo não pode ser dito dos anões, que tiveram de batalhar para resistir em seu lugar perante a investida e interesses de grupos externos pelo tesouro de seu povo.

Este embate de interesses e significados para com o espaço evidencia o caráter fenomenológico do lugar defendido por Tuan (1983), de que os espaços apresentam significados distintos, a depender de quem se relaciona com eles, das vivências e histórias com os lugares, atribuindo a eles significados distintos, pois, para cada povo envolvido na batalha, o reino anão tinha um significado e valor distinto, resultando, também, em interesses distintos.

Seria redundante discorrer sobre o que o reino dos anões significa para eles, uma vez que já fora dedicada parte deste trabalho para tal fim, focando agora na forma como resistiram e defenderam o seu lugar perante tantas hostilidades e na forma diferenciada como se relacionavam com o seu reino em relação aos demais. O tesouro dos anões era visto, assim como o seu lugar, como um legado do passado de seu povo, uma vez que, para eles, o tesouro não representava apenas riqueza, "estava de olho em muitas outras coisas maravilhosas que jaziam lá envolta das quais estavam traçadas antigas memórias dos labores e tristezas de sua raça [...] ao tesouro do meu povo, homem nenhum tem direito" (Tolkien, 2019, p. 287), ressaltando aqui, mais uma vez, as ideias de Lisboa (2007), de como o lugar para um povo se reflete nas memórias do grupo de indivíduos que impregnaram e fundiram com sua espacialidade e o que nela fora produzido.

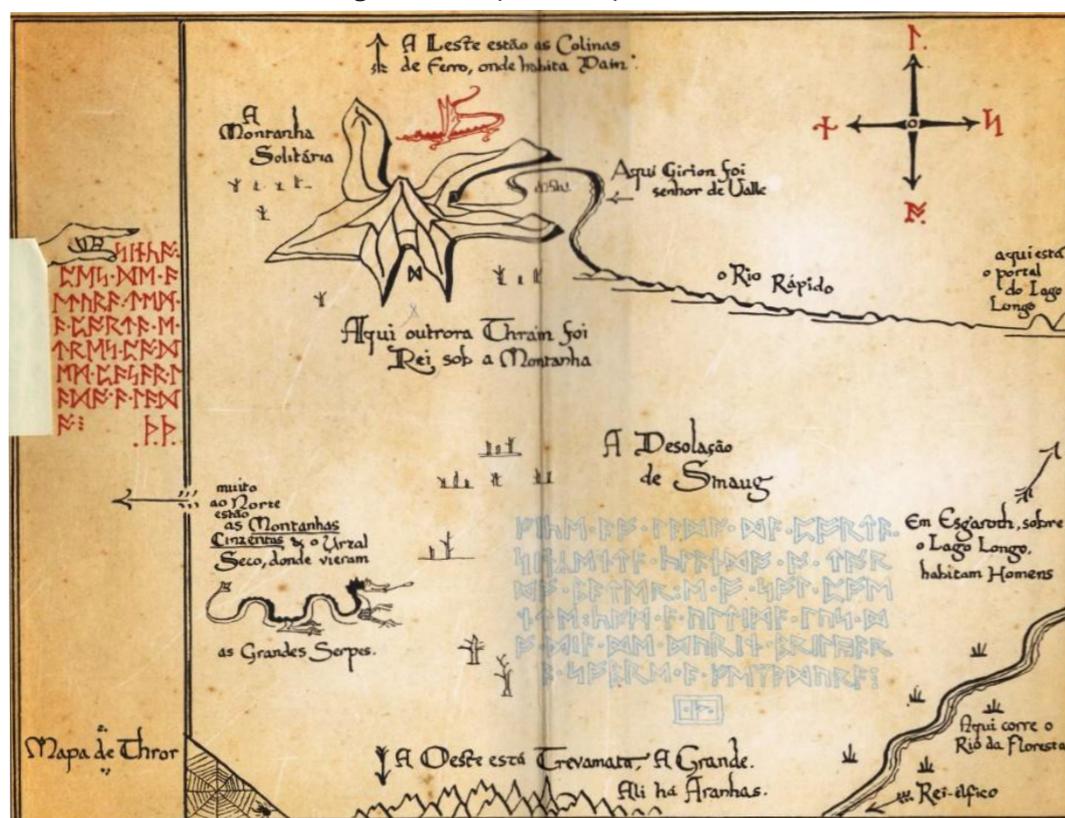
CARTOGRAFIA E RACIOCÍNIO ESPACIAL EM "O HOBBIT"

Para entendimento da narrativa do livro, se faz necessário ainda, tecer considerações sobre os elementos cartográficos contidos na obra. Os elementos cartográficos dispostos no livro estão centrados em dois mapas ficcionais que desempenham papel fundamental para o entendimento da aventura e desenrolar da trama que envolve

O Lugar e a Cartografia em "O Hobbit": uma reflexão geográfica para o ensino
Robson Ronan Lima de Moraes e Luiz Eduardo do Nascimento Neto

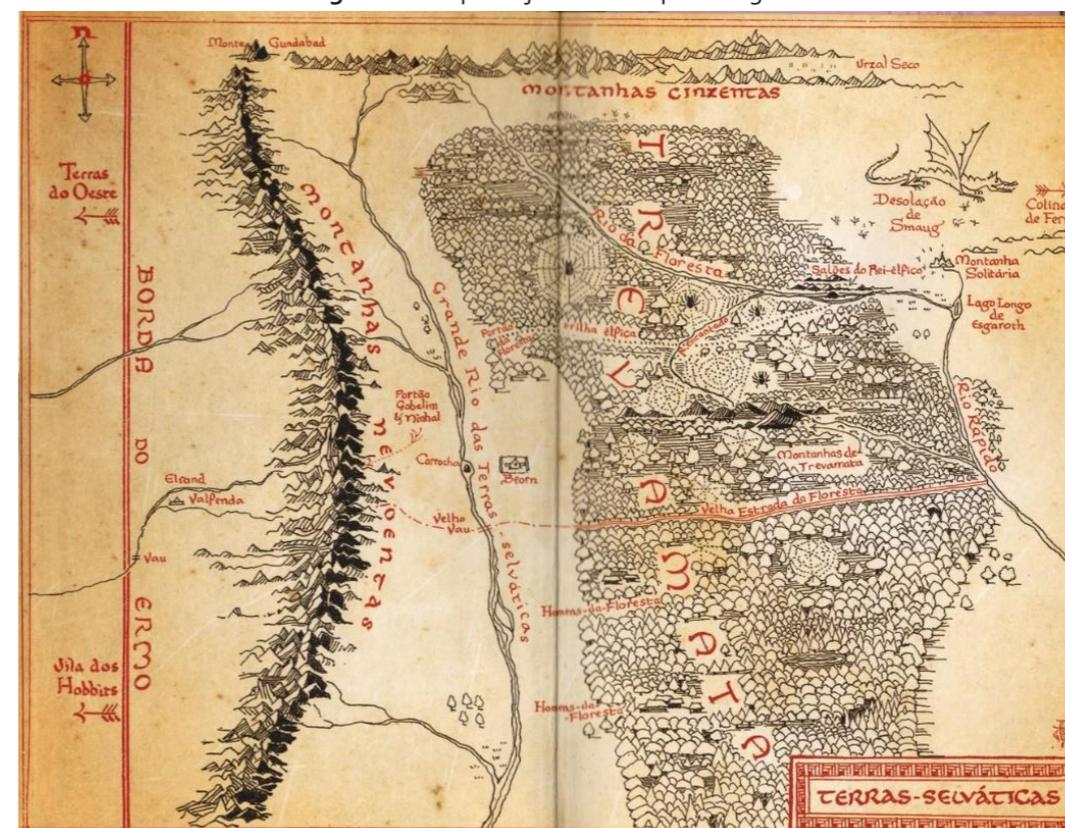
os anões, possibilitando ao leitor visualizar a espacialização dos fenômenos, acontecimentos e dinâmicas da narrativa ficcional mencionada. Ressalta-se que o primeiro mapa apresentado fora utilizado pelos anões ao longo da aventura e o segundo demarca o trajeto da aventura para os leitores, ambos elaborados pelo autor da obra (Figuras 5 e 6).

Figura 5 – Mapa usado pelos anões



Fonte: Tolkien (2019)

Figura – 6 Mapa da jornada dos personagens



Fonte: Tolkien (2019)

O primeiro ponto a ser destacado é que, mesmo se tratando de mapas que retratam uma realidade ficcional, eles podem ser usados para representar a função primordial de um mapa.

Segundo Raisz (1969), os primeiros mapas nascem da necessidade de se representar a superfície, portanto, o espaço geográfico, com todos os seus acidentes geográficos, elementos naturais e sociais que o compõem. Os mapas da trama podem ser visualizados com uma estética rudimentar e fora dos padrões da cartografia moderna e que remontam aos mapas arcaicos. Na visão de Raisz (1969), mesmo estes mapas rudimentares, arcaicos e desprovidos de muita precisão, atendiam aos propósitos de compreensão do espaço onde os indivíduos estão inseridos.

Ainda dentro dos aspectos visuais dos mapas da trama, por mais que se tratem de mapas ficcionais, ambos apresentam convenções cartográficas (de forma rudimentar e fora dos parâmetros reais) como título, legendas, símbolos, rosa dos ventos, entre outros elementos

que são fundamentais para a finalidade do mapa, que consiste na sua leitura, compreensão, interpretação e reflexões a respeito do espaço representado (Menezes, 2013), auxiliando no entendimento da trama que envolve os personagens da estória, possibilitando clarear e espacializar o(a) leitor(a) dentro da narrativa da obra.

Dentro da trama, o papel e função do mapa se fazem centrais, uma vez que é o principal desencadeador da aventura dos anões: "[...] ele abriu um pedaço de pergaminho que lembrava um mapa [...] foi feito por Thrór, seu avô, Thorin, disse ele em resposta às perguntas empolgadas dos anões, é uma planta da montanha [...]" (Tolkien, 2019, p. 47), que pode ser visto na figura 05.

Pensar o mapa utilizado pelos anões recai nas ideias defendidas por Raisz (1969), quando aponta que os mapas são, também, o registro do passado e história e sabedoria de um povo. Na estória, o mapa mencionado continha a localização de uma antiga entrada secreta para a montanha onde estava o reino e tesouro dos anões, essencial para que pudessem reconquistar o seu lugar e onde poderiam entrar sem serem atacados diretamente pelo dragão. Assim o autor descreve: "[...]é a entrada secreta. Veem a runa do lado Oeste e mão apontando para ela perto de outras runas? Isso marca uma passagem oculta para os Salões Inferiores" (Tolkien, 2019, p. 47).

Desta forma, foi perceptível que o ponto crucial da aventura dos anões em reaver o seu lar foi o mapa deixado para Thorin, pois a entrada secreta nele descrita não poderia ser acessada pelo dragão, uma vez que "é pequena demais [...] Smaug não conseguiria passar se enfiar num buraco desse tamanho" (Tolkien, 2019, p. 47). O autor descreve assim a importância do mapa, para a estória ser desenvolvida e aponta que o pai de Thorin antes de morrer sinaliza: "A única coisa que seu pai desejava era que o filho dele lesse o mapa" (Tolkien, 2019, p.52).

Nesse sentido, o conto da obra ressalta mais uma vez a importância dos mapas como registro de informações, bem como para se pensar o espaço (Raisz, 1969). Em outra passagem do texto, o autor relata que os anões fizeram uso do mapa para planejar sua rota até a montanha e a passagem secreta, refletindo sobre quais caminhos deveriam tomar, levando em consideração os perigos e elementos que compunham o espaço. Estes locais destacados na narrativa da obra podem ser facilmente visualizados no mapa da figura 05.

Pensamos em ir para o leste, do modo mais discreto e cuidadoso que pudermos, até chegar ao lago longo [...] Poderíamos partir de lá ao longo do Rio Rápido, continuou Thorin, sem lhe dar atenção, e assim chegar as ruínas de Valle[...] O rio passa por ele através da grande encosta no Sul da Montanha e, é de que o dragão sai também (Tolkien, 2019, p. 48).

Outro ponto a se destacar é o fato de que as convenções cartográficas de um mapa, como pensa Menezes (2013), se fazem essenciais para o seu entendimento, também podem ser vistas no mapa dos anões. Destaque nesse sentido vai para a legenda que indica a existência de uma entrada secreta nas runas (no idioma fictício dos anões) e também apresenta runas ocultas (as letras em azuis na figura 05) utilizadas pela magia dos anões que revelavam o local exato da entrada e o único momento do ano em que o encantamento da porta permitiria que entrassem no seu reino "Há letras-da-lua aqui, ao lado das runas normais, que dizem Cinco pés de altura a porta, e três podem entrar lado a lado" (Tolkien, 2019, p.79). "Fique ao lado da pedra cinzenta quando o Tordo bater, leu Elrond, e o sol poente com a última luz do Dia de Durin brilhará sobre o buraco da ferradura" (Tolkien, 2019, p. 80).

Estas narrativas da estória enfatizam as ideias de Menezes (2013), de que as legendas, como as demais convenções cartográficas, são

cruciais para se entender um mapa e refletir sobre este e, o mais importante, compreender seu propósito, fato esse que é cada vez mais reforçado ao longo da estória do livro.

Dessa forma, uma das convenções cartográficas do mapa, a legenda, foi imprescindível para os anões em sua jornada, graças a atenção que Bilbo dispôs ao mapa: "Com frequência pedia emprestado o mapa de Thorin e o observava, analisando as runas e mensagem das letras-da-lua que Elrond tinha lido" (Tolkien, 2019, p. 230), sendo ele quem no final localizou a entrada devido sua atenção à legenda. Ainda que de forma ficcional, fica ressaltada a importância de tais elementos cartográficos e da capacidade de entendê-los para que o mapa atenda a seu propósito e finalidade.

Adentrando ainda nos elementos da cartografia analisados na obra, vale chamar atenção para a discussão a respeito do papel dos mapas no desenvolvimento do raciocínio espacial, terminologia defendida por Costa; Lima (2012), ponto essencial que está alinhado ao objeto de estudo da Geografia.

Colaborando na discussão do desenvolvimento do raciocínio espacial a partir de uma argumentação de Gomes (2009), quando o mesmo aponta que este desenvolvimento consiste no entendimento da ordem espacial das coisas, em entender, refletir e produzir modelos explicativos sobre o porquê da espacialização dos elementos e fenômenos que compõem o espaço geográfico, sejam eles naturais ou sociais, bem como estes atuam formando o espaço. Aqui, o mapa, como defende Raisz (1969), representa esse espaço em escala reduzida, auxiliando nessa tarefa

Em "O Hobbit", o raciocínio geográfico se encontra na forma como o autor explica e justifica espacialmente a espacialização de elementos e fenômenos, como as relações entre estes explicam a dinâmica dos acontecimentos de seu mundo fictício, bem como

estes afetaram o desenrolar da trama, pontos estes que podem ser visualizados, acompanhados e analisados pelo leitor através de ambos os mapas destacados.

Este aporte do raciocínio é justificado espacialmente quando os anões, o mago e o hobbit pararam para descansar de sua jornada no reino élfico de Valfenda (que pode ser visualizado na parte inferior esquerda da figura 06), que fora escolhido como ponto de descanso por se tratar de um lugar seguro, do ponto de vista espacial, por estar protegido por uma larga cadeia de montanhas, esse lugar é tido como:

[...] escondido em algum lugar à nossa frente está o belo reino de Valfenda [...] a última casa Hospitaleira a Oeste das Montanhas [...] era de fato uma terra muito mais vasta, do vau até as montanhas [...] chegaram a vales inesperados, estreitos e com encostas íngremes [...] (Tolkien, 2019, p. 71).

Na narrativa, o autor aponta o lugar entre o vau e as montanhas que se tratava de um terreno elevado. Desta forma, o seu acesso se dava por um terreno extremamente acidentado e de difícil acesso. Assim, a aventura dos anões é permeada por lugares acidentados que os mapas da trama apresentam em sua configuração conforme a narrativa do autor da obra:

[...] chegaram à beira de uma descida íngreme do solo tão de repente, que o cavalo de Gandalf quase escorregou encosta abaixo [...] eles deslizavam e escorregaram no lusco-fusco, descendo o caminho íngreme em zigue-zague que levava ao vale secreto de Vlafenda" (Tolkien, 2019, p. 72).

Nesse sentido, entender os mapas destacados no decorrer da narrativa é essencial para a compreensão do raciocínio geográfico e entendimento da narrativa. O autor aponta que apenas aqueles que conheciam o caminho poderiam chegar até lá; assim, a aventura dos

anões instiga a pensar e imaginar os lugares descritos na estória e que, em sua essência, contém pontos basilares dos conhecimentos geográficos. Assim:

[...] o único caminho que havia estava marcado com pedras brancas, algumas das quais eram pequenas, enquanto outras estavam cobertas por musgo[...]” era um trabalho muito lento seguir a trilha, mesmo guiados por Gandalf, que parecia conseguir achar o caminho bastante bem” (Tolkien, 2019, p. 72).

De posse do conhecimento dos lugares e uso do mapa, os anões podem chegar ao reino élfico, considerado como lugar de repouso e descanso para estes, e o reino também apresenta características em sua localização e espacialidade como um local seguro pelo seu difícil acesso “Coisas malignas não entravam naquele vale [...]” (Tolkien, 2019, p. 76).

Outro ponto que na obra se destaca é a existência e prosperidade do reino humano. A cidade do lago, Esgaroth (que se encontra na parte superior direita na figura 06, próximo a Montanha Solitária), explicada pelo autor através das relações econômicas mantidas com outros reinos e que só é possível graças à posição geográfica da cidade, uma vez que está situada emersa sob o Rio Rápido:

[...] Não tinha sido construída na margem [...] mas bem na superfície do rio [...] Ainda prosperavam com o comércio que subia o grande rio vindo do Sul e era levado de carroça, depois das quedas d’água para a cidade deles [...] não uma cidade de elfos, mas de homens, que ainda ousavam habitar ali, sob a sombra da distante montanha do dragão [...] por onde escorrem as mercadorias, possibilitando as suas relações comerciais (Tolkien, 2019, p. 215).

Tal explanação espacial serve não apenas para justificar a prosperidade da cidade, mas também para o próprio desenrolar da trama, pois um dos reinos com os quais os homens de Esgaroth

comerciavam através de uma rede fluvial era com o reino do Rei-Elfo de Trevamata. Assim:

Bilbo ficou sabendo como o vinho e outros bens subiam o rio [...] parecia que uma vila de homens ainda prosperava por lá [...] um riacho corria sob parte das regiões mais baixas do palácio e se unia ao Rio da Floresta [...] a partir dele um rastilho podia ser baixado até o próprio leito do rio [...] Da Cidade do Lago os barris eram trazidos até o Rio da Floresta (Tolkien, 2019, p. 199).

As trocas e relação com o espaço do rio e da cidade é possível ser identificada no entendimento do raciocínio espacial presente na figura 06. Assim, fica fácil a compreensão de como O Rio Rápido se conecta ao Rio da Floresta e por onde os barris com o vinho da cidade dos homens do lago subia dentro da trama narrada pelo autor.

A relação comercial entre homens e elfos da floresta foi crucial para alguns eventos importantes da trama do livro. A fuga dos anões que eram mantidos prisioneiros do Rei-Elfo da floresta só foi possível porque Bilbo percebeu o fluxo de mercadorias que entravam e saíam dos alçapões do reino através da correnteza do rio. O protagonista da obra observou que os barris vazios eram enviados de volta para cidade dos homens rio abaixo e assim idealizou a fuga.

Quando os barris ficavam vazios, os elfos os jogavam pelos alçapões, abriam o portão d’água e lá se iam eles na correnteza [...] e flutuavam de volta à cidade do lago[...] Bilbo se sentou e ficou pensando sobre esse portão d’água e se perguntou se poderia ser usado para fuga de seus amigos [...] (Tolkien, 2019, p. 200).

A fuga dos anões só é possível pelo conhecimento espacial que o protagonista detém sobre o lugar em que se encontra citando o uso do rio como ponto comercial do reino citado possibilitando a fuga dos anões.

O arranjo espacial também influencia nos acontecimentos finais da trama, nas batalhas da aventura. Contudo, isto ocorre de maneira mais incisiva na forma em que a cidade do lago resiste ao ataque do dragão, pois, por estar emersa sob o rio, "a ponte que levava a terra firme foi derrubada e destruída [...] estavam numa ilha com água profunda" (Tolkien, 2019, p. 271) Então, se tentasse atacar pelo rio, teria seu fogo apagado: "apagaria seu fogo antes que conseguisse passar" (Tolkien, 2019, p. 271). Dessa forma, os homens de Esgaroth, através do conhecimento de seu espaço geográfico, defenderam-se do dragão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstrou o potencial de "O Hobbit", de J.R.R. Tolkien, como um recurso didático inovador para o ensino de Geografia. Ao analisar a obra sob uma perspectiva geográfica, identificamos uma série de elementos que podem ser explorados em sala de aula, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes.

Uma das principais contribuições desta pesquisa reside na demonstração de como uma obra de fantasia pode ser utilizada para promover a aprendizagem de conceitos complexos da Geografia, tornando o ensino desta disciplina mais atrativo e significativo para os estudantes. A análise de "O Hobbit" revela a importância do lugar como construção social e cultural, bem como a função dos mapas na representação e raciocínio espacial.

É preciso considerar, no entanto, as limitações do uso de obras literárias em sala de aula. A interpretação de textos literários é subjetiva e pode variar de acordo com o contexto e a experiência de cada leitor. Além disso, a adaptação de "Hobbit" para o ensino de

Geografia exige do professor um conhecimento profundo tanto da obra quanto dos conceitos geográficos a serem trabalhados.

Apesar dessas limitações, os resultados obtidos corroboram a ideia inicial de que a obra de Tolkien possui um rico potencial para o ensino de Geografia. A análise detalhada da narrativa permitiu estabelecer conexões claras e significativas entre os elementos ficcionais e os fundamentos teóricos da Geografia aqui delimitados. Ao identificar e discutir os paralelos entre os espaços imaginários de Tolkien e as concepções de lugar, representações cartográficas e raciocínio espacial, fica evidente a viabilidade de utilizar obras de fantasia como recurso paradigmático para a compreensão de conceitos geográficos e sua complexidade para o ensino e a aprendizagem dos alunos.

Essa pesquisa contribui para o campo da Geografia ao expandir as possibilidades de aplicação de conhecimentos teóricos em contextos não convencionais, além de oferecer aos professores ideias e possibilidades de uso de ferramentas didático-metodológicas baseadas na literatura, tornando assim o ensino de Geografia mais atrativo.

Ao longo da pesquisa, ficou evidente que a obra de Tolkien oferece um rico campo de exploração para o ensino de Geografia. As paisagens da Terra-Média, suas características únicas e as relações que os personagens estabelecem com esses espaços, proporcionam um contexto ideal para discutir conceitos como lugar, território e representação espacial.

Assim como Bilbo Bolseiro, ao percorrer a Terra-Média, fomos convidados a explorar um mundo rico em detalhes geográficos, pois mesmo se tratando de espaços secundários criados pelo autor, estes espaços são frutos e espelho de uma realidade espacial primária, passíveis de problematizações e discussões geográficas. As

O Lugar e a Cartografia em "O Hobbit": uma reflexão geográfica para o ensino
Robson Ronan Lima de Moraes e Luiz Eduardo do Nascimento Neto

montanhas, florestas e vales descritos por Tolkien não são apenas cenários, mas elementos que moldam as histórias, os personagens e as relações sociais. Ao analisar essas dinâmicas espaciais, percebemos como a Geografia está intrinsecamente ligada à narrativa, oferecendo uma oportunidade única para discutir conceitos como lugar e cartografia de forma envolvente e significativa.

As possibilidades de análise geográfica em "O Hobbit" transcendem os limites desta pesquisa. A obra de Tolkien revela uma riqueza de detalhes e nuances que permitem explorar uma gama diversificada de conceitos geográficos. Essa amplitude demonstra que a literatura de fantasia, muitas vezes subestimada em ambientes acadêmicos, pode ser um poderoso instrumento para o ensino e a aprendizagem, oferecendo um contexto envolvente e motivador para a discussão de temas complexos.

Na obra de Tolkien se revela um universo complexo e detalhado, onde a Geografia desempenha um papel fundamental. Essa constatação nos convida a repensar a forma como valorizamos os textos de ficção. Ao desmistificar a ideia de que a literatura de fantasia é apenas entretenimento, podemos explorar seu potencial pedagógico e utilizar obras como "O Hobbit" como ferramentas para despertar o interesse dos estudantes pela Geografia, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes.

Os resultados obtidos abrem caminho para futuras investigações e práticas pedagógicas, demonstrando a importância de integrar a literatura à educação geográfica. No entanto, é preciso superar os desafios impostos pela realidade escolar, como a falta de acesso a livros e a necessidade de desenvolver habilidades de leitura nos alunos. A utilização de obras de fantasia como "O Hobbit" pode ser um passo importante nessa direção. ○

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luana Alves. **Os conceitos Geográficos em o Hobbit de J.R.R Tolkien**. 2021. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará, 2021.

AZEVEDO, Sandra de Castro.; ALMEIDA, Cilene Gomes Brito. O paradidático como instrumento facilitador no ensino de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, v. 4, n. 6, p. 139-148. Uberlândia, 2013.

BANDEIRA, Denise. **Material didático: criação, mediação e ação educativa**. 1. Ed. São Paulo: Intersaberes, 2009.

BENKO, Georges. Geografia de lugar nenhum ou hiperglobalização. Breve exame do mundo pós-moderno. In: SANTOS, Milton et al (Orgs). **Território: globalização e fragmentação**. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 1994, p. 247-250.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2008. (Docência em formação).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. FFLCH. São Paulo: 2007. 85p.

CAVALCANTE, Tiago V. Por uma Geografia Literária: de leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 31, p. 191-201, set. 2020.

COSTA, Franklin Roberto.; LIMA, Francisco de Assis Fernandes. Linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões. **Geografia Ensino & Pesquisa**. Vol. 16, n. 2 maio/ago. Santa Maria, 2012.

FERNANDES, Eduardo Maçano. O livro paradidático em sala de aula: Do planejamento ao uso. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; CALLAI,

O Lugar e a Cartografia em "O Hobbit": uma reflexão geográfica para o ensino
Robson Ronan Lima de Moraes e Luiz Eduardo do Nascimento Neto

Helena C.; SCHAFFER, N. O.; KAERCHER, Nestor A. (Org). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. São Paulo: UFRGS, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUENTES, Carlos. Geograficidade, poética e imaginação. In: MARANDOLA JR., Eduardo Marandola jr; Lucia Helena Batista Gratão (org.). **Geografia & Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação**. 1. Ed. Londrina: Eduel, 2019.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Um lugar para a geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, Francisco; LOENSAHR. Cicilian Luiza; SILVA, Marcia da (org.). **Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: ADEMADAN, 2009.

LEITE, Cristina Maria Costa. O conceito de lugar na perspectiva da geografia escolar. **Revista eletrônica da graduação/pós-graduação em educação UFG/REJ**, v. 14, n. 2, 2018.

LISBOA, Severina Sarah. A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. **Revista Ponto de Vista, Viçosa**, v. 4, 2007.

MENEZES, Paulo Márcio Leal. **Roteiro de cartografia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

NASCIMENTO, Francijonison C. **Dos antros de pedra aos verdes prados: o lugar em O Hobbit de J.R.R TOLKIEN**. Natal: IFRN editora, 2016.

RAISZ, Erwin. **Cartografia Geral**. Tradução Neide M. Schneider. Rio de Janeiro: Científica, 1969.

SIQUEIRA, Santiago Alves. O plano de ensino e a contribuição de conceitos na geografia escolar. **Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**. Florianópolis, v. 1, n. 1, maio 2017.

SOUSA. D. D. A. **Geografia e literatura no caminho de os sertões e vidas secas.**, 87 p. Monografia (Curso de Licenciatura plena em geografia) - Universidade Federal de Campina Grande, 2014.

TOLKIEN, Jonh Ronald Reuel. **O Hobbit: ou lá e de volta outra**. Tradução Reinaldo José Lopez. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

THEVES, Denise Wildner. Caminhos e passagens que podem abertos pelos livros: diálogos entre a geografia e a literatura no ensino fundamental. **Revista Percursos**, v. 13, n. 2, p. 52-74, jul./dez. 2012

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

Recebido em maio de 2024.

Revisado em outubro de 2024.

Aceito em dezembro de 2024.